

FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

Boletim Informativo - Janeiro 2019 - ANO IV - Nº 41



O quintal da Saúde do Trabalhador e Zeca Pagodinho

EDITORIAL*

Iniciamos o ano de 2019 com a Coluna Opinião. Nela, as pessoas que fizeram, fazem e farão, ainda por muito tempo, a saúde do trabalhador (ST) no Brasil, cantarão suas músicas pouco ouvidas, desfiarão suas letras pouco lidas, falarão das coisas que pensam e que nem sempre podem mostrar e demonstrar porque as pensam. São artistas da ST. A maioria desconhecida do público político, governante e até mesmo dos intelectuais da saúde coletiva e dos que fazem a saúde pública. Não por elas entre si, mas pelo que a ST é desconhecida, ou melhor, não reconhecida, ou melhor, conhecida, mas negligenciada, esquecida, colocada no lixo do desenvolvimento econômico. Todos falam nisso, mas não falam nos que o sustentam: os trabalhadores. E muito menos falam no custo que será “pago” pela saúde daqueles que viabilizam o crescimento econômico.

Quem já viu os inúmeros vídeos do Quintal do Zeca Pagodinho saberá do que se trata nesse editorial. Quem ainda não viu, recomendamos. O Google ajuda. Terá um certo trabalho, pois a pesquisa da nossa cultura é, por incrível que pareça, bem mais difícil que a pesquisa científica. Mas, ao insistir na pesquisa, será bem sucedido e verá que valeu a pena. Zeca Pagodinho é um dos grandes sambistas brasileiros. Achamos que sobre isso há um certo consenso. Mas o que ele tem a ver com a ST? Pois bem. Vamos imaginar que Zeca Pagodinho encarne a ST. Zeca construiu sua carreira cantando músicas de inúmeros “*intelectuais orgânicos do samba*”. Muitos dos compositores de inúmeros sucessos do Zeca são pessoas simples, das comunidades, periferias, logradouros esquecidos ou ‘*suspeitos*’, lugares que abrigam pessoas que gostam de samba, fazem samba e respiram samba. São da periferia, como também está a ST: na periferia da saúde e das políticas públicas.

O velho baiano Dorival Caymmi dizia que “*quem não gosta de samba bom sujeito não é*”. É como dizer que quem não gosta da ST bom sujeito não é, pois não gosta de gente. Zeca Pagodinho gosta. Seus intelectuais do samba são trabalhadores explorados, malandros desempregados, inquilinos de botecos, endividados do SPC, poetas traídos, aposentados enalacrados, mas, enfim, todos apaixonados pelo samba, pela cultura do nosso país, pela arte e alegria de viver. Por certo, são absolutamente contrários à morte e ao adoecimento no trabalho. São parceiros. Todos são filósofos que extraem do cotidiano a crítica embelezada pela música. Semelhante aos que criticam a doença e a morte no trabalho com a beleza utópica de um trabalho digno. E assim como o Zeca tem o seu quintal para acolher esses filósofos desgarrados que lhe nutrem de ideias, a Coluna Opinião do Blog pretende ser o Quintal da Saúde do Trabalhador.

Zeca encarnado de ST chama ao seu Quintal seus filósofos pouco conhecidos: Acyr Ferreira, Adilson Bispo, Alamir, Anderson Baiaco, André Renato, Arlindo Neto, Ary do Cavaco, Bada, Barbeirinho do Jacarezinho, Beto sem Braço, Brasil do Quintal, Canário, Camunguelo, Carlinhos Santana, Claudemir, Claudinho Guimarães, Clemar, Dorina, Dunga de Vila Isabel, Efon, Eri do Cais, Fred Camacho, Gabrielzinho do Irajá, Gilson Bernini, Gracinha, Grazielle, Juliana Diniz, Juninho Thybau, Leandro Fab, Leandro Di Menor, Luiz Café, Luiz Grande, Magalha, Marcelinho Moreira, Marcos Diniz, Marquinhos China, Marquinhos PQD, Mauro Diniz, Mosquito, Mumuzinho, Nelson Rufino, Paulinho Rezende, Pedrinho da Flor, Pretinho da Serrinha, Ratinho, Renato Milagres, Renato Moraes, Roberto Lopes, Roque Ferreira, Serginho Meriti, Sombrinha, Toninho Geraes, Xande de Pilares, Zé Carlos, Zé Katimba, Zé Roberto e tantos outros, cujos nomes desaparecem na pequenina multidão do Quintal - trabalhadoras e trabalhadores filósofos anônimos.

Nesta edição

Editorial – O quintal da ST e Zeca Pagodinho	1
Entrevista – Nanci Ferreira Pinto	2–3
Artigo do mês – Bruno Souza Bechara Maxta	4–5
Trabalhadores Anônimos – Quinha e sua engenhosa...	6
Perfil Sindical – Eugene Debs	7
Informes	8

Alguns dos frequentadores do Quintal do Zeca são até conhecidos, alguns até bem mais, mas cuja notoriedade não os impede de se solidarizarem com o compromisso do Quintal do Zeca: Almir Guineto, Arlindo Cruz, Benito Di Paula, Beth Carvalho, Diogo Nogueira, Dona Ivone Lara, Dudu Nobre, João Bosco, Jorge Aragão, Jorge Ben, Luiz Melodia, Marcelo D2, Marcos Valle, Maria Bethania, Martinho da Vila, Maria Rita, Mariene de Castro, Moacyr Luz, Monarco, Nequinho da Beija-Flor, Nei Lopes, Nelson Sargento, Paulinho da Viola, Rildo Hora, Roberta Sá, Seu Jorge, Zeca Baleiro, Zélia Duncan, Wilson das Neves, Wilson Moreira e, claro, outros que a lista do Quintal não deixa ver porque a cerveja derramada borra a tinta.

No Quintal da Saúde do Trabalhador todos os que têm a falar falarão. Desconhecidos ou conhecidos terão voz. Será servida bebida à vontade para quem deseja beber na fonte de conhecimentos sobre todos os temas que defendem a vida e a dignidade no trabalho.

Os tira-gostos serão muito variados: organização do trabalho, relação saúde-trabalho-ambiente, direitos humanos, movimento sindical, movimentos sociais de diversas ordens, políticas públicas, dados estatísticos, legislações, gênero e violência, técnicas de análise, formação e processos educativos, pessoas com deficiência, espaço e território, vigilância, gestão do SUS, epidemiologia, ergonomia, sociologia do trabalho, trabalho precário, filosofia política, ideologia e, entre outras iguarias, até desenvolvimento econômico!

Os tira-gostos mais comuns, servidos nas festas mais simples da periferia, também serão servidos ao povo do Quintal da Saúde do Trabalhador: amputações por máquinas, suicídios por pressão da chefia, pulmões de pedra, perícias desumanas do INSS, degola de motoboys na impunidade do trânsito, abortos por exposição a tóxicos, mortes não reconhecidas por exposição a agrotóxicos, invalidez eternamente dolorosa por LER-DORT, culpabilização dos que são vítimas de um trabalho injusto, injusto e cada vez mais injusto.

Tudo o que será cantado e decantado no Quintal da Saúde do Trabalhador será gravado. Não podemos dizer que haverá festa. Não há festa quando o sofrimento não pode ser atenuado por um samba. Mas haverá celebração.

Celebraremos a capacidade de frequentarmos um quintal onde possamos andar descalços de nossa arrogância acadêmica, de nossa prepotência de detentores privilegiados do conhecimento, de nossa omissão como agentes públicos, sindicais ou sociais de mudanças por algo melhor.

No Quintal do Zeca, o filósofo Juninho Thybau canta que “*a vitória demora, mas vem*”. Talvez venha mesmo com um trabalho mais humano e digno. De qualquer forma, outro conviva do Quintal do Zeca, o Nelson Rufino canta em *Verdade*: “*Descobri que te amo demais, descobri em você minha paz, descobri sem querer a vida...*” E depois de soltar a voz agradece “Obrigado, Zeca por ter cantado essa música no Brasil inteiro.” Nós que amamos a saúde do trabalhador e descobrimos sem querer o que ela representa em nossas vidas, soltamos a voz: Obrigado, povo da saúde do trabalhador por continuar acreditando que é possível, ainda que tarde. ■■■

*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

A fala da Saúde do Trabalhador

Nanci Ferreira Pinto

Nanci, formada em Serviço Social, é aposentada da Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, atua no Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, contribui com a Jornada de Agroecologia, na Campanha *Agrofloresta é a nossa casa* e é assessora em saúde do trabalhador do Sindicato dos Professores do Paraná. Sua história intensa de militância não a permite parar. Vamos conhecer um pouco de sua trajetória num depoimento afetivo e emocionado.



Falar sobre a minha trajetória na saúde do trabalhador (ST) é lembrar de todas e todos aqueles que me ajudaram a estar e interpretar o mundo. Na vida acadêmica encontrei professoras e professores que contribuíram muito para a des/coberta do mundo. Dentre eles, Helios Puig, com quem tive muitas discussões sobre anarquismo, me provocou a ler Proudhon e Bakunin. A leitura do livro “Veias Abertas da América Latina de Eduardo Galeano” foi um marco na minha vida, pois ao desvendar a “história não oficial” dos países latino-americanos, brotou em mim um sentimento de identidade e solidariedade. Iniciei minha carreira profissional em Cascavel, no Paraná, em 1986. Ao terminar Serviço Social em Caxias do Sul, soube por uma amiga que no Paraná havia vagas para assistentes sociais em prefeituras para trabalhar na área da saúde. Os ventos do processo de redemocratização incluíam na agenda dos governos estadual e municipais a participação popular, o que me interessou. As Ações Integradas de Saúde (AIS), implementadas a partir de 1984, impulsionaram a política de atenção à saúde nos municípios do Paraná, a partir de financiamento federal, organização de equipes interdisciplinares e de espaço de participação popular por meio das comissões interinstitucionais de saúde. De 1986 a 1988 trabalhei em um posto de saúde na periferia de Cascavel, desenvolvi atividades com vários grupos da comunidade procurando imprimir uma perspectiva crítica. Nessa época me filiei ao Partido dos Trabalhadores, no qual militei até 1994, quando em conjunto com um coletivo pedi desfiliação, por entender que o projeto político do mesmo estava reduzido ao calendário eleitoral, sem perspectiva de luta anticapitalista. Em 1988, no final da gestão, em virtude de um processo organizativo das trabalhadoras e trabalhadores da Secretaria Municipal de Saúde de Cascavel, por melhores condições de trabalho e salários, respondi a processo administrativo com mais um grupo de colegas que estava à frente do movimento. Na sequência, criamos o Sindicato dos Servidores Municipais de Cascavel, e fui a primeira liberada. Trabalhei com formação política e fizemos o primeiro movimento de greve. Em 1990 fui trabalhar na Secretaria Estadual de Saúde (SESA) do Paraná, a partir de aprovação em concurso público. Nessa década, participei da criação do Grupo pela Vida em Cascavel, no qual militei por vários anos em atividades de informação e acolhimento para portadores de HIV. Também participei da direção do SindSaúde-PR, como representante sindical em Cascavel e do Conselho Municipal de Saúde. Outro marco da minha formação nesse período, foi o curso de Especialização em Planejamento e Administração em Ciências Sociais, no qual tive oportunidade de ter aula com Carlos Minayo, Gaudêncio Frigotto, Petrus Vlasman, Maria Julieta Calazans. Destaco, a influência de Francisco Lacaz, Lia Giraldo, Raquel Rigotto. Nos anos de 1995 e 1996 fui professora de Serviço Social da Unioeste em Toledo, a partir de concurso público. Durante o período, incluí na pauta do Curso de Serviço Social, a discussão da política nacional de saúde, assim como fiz palestras em diversas conferências de saúde nos municípios vizinhos.

Em 1997 pedi exoneração da Universidade e retornei para a SESA Paraná, no Centro Metropolitano de Apoio à Saúde do Trabalhador (Cemast), em Curitiba. Na época, no Paraná não havia capacitação em ST. A minha formação sobre o campo da ST se deu a partir das publicações a que tínhamos acesso na época: *Isto é trabalho de gente?: vida, doença e trabalho no Brasil* (Buschinelli, Rocha, Rigotto, 1993); *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde* (Oddone e Marri); *Patologia do Trabalho* (René Mendes) e discussões multiprofissionais e com representantes do controle social. Embora o Cemast tenha iniciado suas atividades em 1996, desde 1989 já ocorriam discussões sobre a ST. Em 1992 foi criado o FIST [Fórum Interinstitucional de Saúde do Trabalhador], com participação de diversas entidades sindicais, Ministério Público e trabalhadores da saúde, que deu origem à CIST estadual.

O Cemast abrangia 45 municípios das regionais de saúde de Curitiba, União da Vitória e Paranaguá. Tinha como eixos de ação: Visat, informação, capacitação e assistência. Atendia trabalhadores encaminhados principalmente pela Promotoria de Saúde do Trabalhador, sindicatos e INSS. De 1997 a 2006, o Cemast atendeu 2.788 trabalhadores para o nexos doença-trabalho. A partir daí, foram criados grupos de trabalho: GT-Agrotóxicos, GT-LER/DORT, GT-PAIR, que envolvia sindicatos, trabalhadores da saúde e universidades.

Em 1997 foi criado o Comitê Estadual de Investigação de Óbitos e Amputações, com o objetivo de estabelecer uma rede estadual de vigilância dos acidentes fatais e com amputação. No mesmo ano, foi aprovado pelo Conselho Estadual de Saúde (CES) a proibição do uso de jateamento de areia, que se tornou uma resolução estadual.

Nanci Ferreira Pinto

De 1996 a 2006 o Cemast realizou ações em bancos, telemarketing, pedreiras, mineradoras, carvoarias, indústria de carvão vegetal, empresas de agrotóxicos, empresas de produtos de amianto. A equipe contribuiu na organização do Fórum Estadual de Combate aos Agrotóxicos do Paraná, na implantação da Comissão Estadual do Benzeno e nas ações de erradicação do trabalho infantil e prevenção das pneumoconioses. A participação nas oficinas nacionais para elaboração do protocolo do benzeno coordenadas pelo Jorge Machado, da Fiocruz, me deram subsídios para as discussões na Comissão Estadual do Benzeno. Também foi fundamental neste processo a aproximação com o Sindicato dos Petroleiros, Jaime Ferreira (in memoriam), Danilo Costa, Arline Curi, Luiza Cardoso com quem muito aprendi sobre a vigilância em empresa de petróleo. Em 2005 participei da organização do II Encontro de Militantes em Saúde do Trabalhador que aconteceu em Curitiba, estávamos no terceiro ano do mandato do Presidente Lula. As discussões do encontro foram permeadas pelos dilemas da governabilidade do Estado capitalista, a reforma da previdência, os desafios da implementação das ações de saúde do trabalhador.

Em 2006, com o Cemast extinto a equipe passou para o CEST [Centro Estadual de Saúde do Trabalhador]. Na ocasião, eu e uma colega fomos colocadas à disposição da SESA pela nova chefia, sem justificativa, após nossa participação em plenária da região sul da RENAST. O ato teve repercussão estadual e nacional. Vários militantes da ST enviaram e-mails solidários. No mesmo ano, integrei a nova direção do SindSaúde, fui liberada e desenvolvi atividades de acolhimento e acompanhamento de trabalhadoras e trabalhadores adoecidos, Análise Coletiva do Trabalho e capacitação em ST para núcleos regionais. Em 2008, com a exoneração do diretor, fui convidada a retornar ao CEST. Contribuí na elaboração da Política Estadual de Saúde do Trabalhador, aprovada pelo CES e publicada pela SESA em 2011. O documento apresenta a história da ST no Paraná e define as diretrizes para a atuação de profissionais, sindicalistas e controle social. Com o sindicato dos frentistas e a auditora fiscal June Rezende construímos a Análise Coletiva do Trabalho em Postos de Combustíveis, que subsidiou as negociações da categoria e ações de Visat.

Em 2009, por provocação do professor Carlos Minayo, realizamos uma oficina com entidades sindicais e populares com o objetivo de construir um diagnóstico sobre a situação dos trabalhadores das cadeias produtivas do agronegócio e construir estratégias de Visat. Este trabalho foi determinante para os processos posteriores. No encontro da região sul da RENAST em 2012, priorizamos a atuação na região sul no trabalho rural e exposição aos agrotóxicos, frigoríficos, postos de combustível. Foi criado o GT-Macrosul composto por técnicas de ST do Paraná (Sílvia Albertini, Yumie Murakami), Santa Catarina (Regina Pinheiro) e Rio Grande do Sul (Virginia Dapper, Luciana Nussbaumer, Loiva Schardosim). De 2012 a 2014 foram realizadas trocas de experiências e desenvolvimento de metodologias -processos- que fortaleceram e qualificaram nossas ações -. Em articulação com os professores Guilherme Albuquerque e Paulo Perna da UFPR [Universidade Federal do Paraná], realizamos pesquisa sobre ST na Fumicultura em Rio Azul, na qual produzimos o Protocolo de Investigação de Intoxicações Crônicas por Agrotóxicos, publicado pela SESA em 2013.

A participação da querida Heloísa Pacheco Ferreira, coordenadora do Ambulatório de Toxicologia Clínica Ambiental e Ocupacional do Hospital da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro], foi fundamental nesse processo. A pesquisa demonstrou a invisibilidade das intoxicações crônicas e a dificuldade de acesso às informações sobre agrotóxicos nos órgãos governamentais. Trabalhando com comunicação de risco sobre agrotóxicos, em 2015, como militante do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, participei da organização do Observatório do Uso de Agrotóxicos e Consequências para a Saúde Humana e Ambiental no Paraná <http://www.saude.ufpr.br/portal/observatorio/>. Estamos construindo o mapa da pulverização aérea por agrotóxicos, levantando denúncias sobre contaminação coletiva e disponibilizando informações. Participamos de Jornadas de Agroecologia com o Coletivo ENCONTRA (Geografia/UFPR - Jorge Montenegro, Daniel de Oliveira, Vinicius Wassmansdorf, Giordano Oliveira) na coleta de informações sobre o tema. Desde 2012 participo do Comitê Regional da Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Em conjunto com Yumie Murakami na vigilância de agrotóxicos, desenvolvemos metodologia que envolvia a capacitação de técnicas/os de ST dos municípios, articulação com Ministério do Trabalho e Ministério Público. No mestrado na Unioeste, estudei o processo saúde-doença dos/as trabalhadores/as da sericicultura no Paraná em um Assentamento do MST, sob orientação da professora Neide Murofuso. Essa pesquisa me permitiu uma maior aproximação com a Epidemiologia Crítica. Atualmente estou aposentada da SESA Paraná, milito no Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, contribuo com a Jornada de Agroecologia, Campanha *Agrofloresta é a nossa casa* <https://www.agroflorestaenossacasa.com.br/>, presto assessoria em ST para o Sindicato dos Professores do Paraná - APP sindicato e faço parte do GT de ST da Abrasco. Relembrar o meu percurso em tempos sombrios me trouxe imagens e exemplos. Muitos companheiros e companheiras fizeram e fazem parte da minha história, da construção do que sou. Infelizmente não consegui referenciar a todas e todos, fica a minha gratidão. Mas, dois exemplos me mantêm a energia para continuar na defesa de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. Eis...

Jaime Ferreira, petroleiro, sindicalista, esteve na coordenação da CIST, faleceu em 2008, vítima de câncer. Em uma das últimas reuniões da Comissão Estadual do Benzeno, numa discussão com representantes da Petrobrás, estava bastante nervoso pelas condições de trabalho impostas em determinados setores da empresa. Como ele já estava bastante debilitado, fiquei preocupada e falei a ele para ter calma. Ele me olhou e disse:

“eu não posso ter calma agora, eu já não tenho mais tempo”.

Heloisa Pacheco Ferreira, em 2000, fez a avaliação dos trabalhadores terceirizados da Petrobrás que adoeceram após trabalharem na contenção de vazamento de petróleo e, a partir disso, os trabalhadores puderam acessar os seus direitos. Em 2006 fez a avaliação de uma fumicultora intoxicada por agrotóxicos, desvendando a ocorrência das intoxicações crônicas no Paraná. Faleceu em 2017. Mesmo doente, manteve a atuação na elaboração de Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas para a Vigilância em Saúde de Populações Expostas ao Mercúrio e na assessoria sobre a vigilância aos agrotóxicos.

artigo
do mês

Processo de produção siderúrgica e saúde operária: notas teóricas e reflexões sobre a conjuntura do setor no Brasil

Bruno Souza Bechara Maxta*

O aço é uma liga metálica formada essencialmente por ferro, carbono e trabalho humano. A extração e o manejo da transformação dos minérios, o refino e a laminação do aço são momentos comuns do seu processo de produção no curso da história.

As suas aplicações respondem a necessidades humanas de diferentes tipos. Sejam elas voltadas à subsistência ou como meio de produção, a partir do aço, hoje são produzidos um conjunto infindável de mercadorias que conformam e reproduzem a sociedade.

Na sociedade capitalista, o aço é uma importante mercadoria de valor de uso e de valor. O seu valor de uso é conferido pela sua natureza útil que permite ser matéria prima para a indústria de transformação de outras mercadorias as quais necessitamos e consumimos. Já o seu valor é determinado pela quantidade socialmente necessária de trabalho humano para a sua produção e expresso na relação de troca com as outras mercadorias produzidas na sociedade capitalista (MARX, 2013).

Produz-se o aço porque ele tem uma utilidade na sociedade capitalista; e o seu valor é expressivo no mundo das mercadorias uma vez que é significativa a quantidade de trabalho humano despendido na sua produção.

Para os monopólios capitalistas, o aço é uma mercadoria cujo valor de uso e o seu valor justificam, respectivamente, a sua produção e a exploração do trabalho para fins de acumulação.

No Brasil, o setor siderúrgico foi preparado para esta finalidade pelo Estado em meados do século XX e, praticamente, privatizado na década de 1990 por capitais internacionais. As usinas integradas e semi-integradas conformam o atual setor industrial nacional da cadeia produtiva do aço. Nas usinas integradas, o aço é produzido a partir do beneficiamento do minério de ferro e do carvão mineral; e nas usinas semi-integradas, ele é reciclado a partir de sucata metálica. Atualmente, vinte e nove usinas siderúrgicas estão organizadas em dez parques produtores de aço administrados por onze grupos empresariais internacionais que competem no mercado loco regional nacional internacional do aço e dos seus derivados materiais incluindo serviços e gestão logística (INSTITUTO DO AÇO, 2015). São atuais interesses comuns destes monopólios o estímulo do Estado aos investimentos em infraestrutura que demande o consumo nacional do aço; e a aplicação de medidas necessárias no mercado de trabalho visando a diminuição dos custos de contratação (e, minimamente, a manutenção da taxa de lucro do setor) sob a justificativa da competitividade internacional (INSTITUTO DO AÇO, 2018a).

Entre 2014 e 2017, a produção do aço bruto no país passou de 31.285 para 34.365 milhões de toneladas (+9%) (WORLD STEEL ASSOCIATION, 2018) em uma capacidade instalada de aproximadamente 50 milhões de toneladas/ano (BNDES, 2017).

Neste período, o país manteve a sua colocação entre os dez maiores exportadores de aço do mundo, alcançando saldos comerciais positivos (VIANA, 2017), em 2017, de US\$ 5,8 bilhões de dólares (INSTITUTO DO AÇO, 2018b). Outra marca do setor siderúrgico no período foi a queda do número de operários e operárias de 770.894 para 623.423 mil (-20%) de empregados (BRASIL, 2018). A agenda de investimentos promotores de eficiência e competitividade internacional, com especial atenção à eficiência energética e à manutenção da capacidade produtiva com tecnologias digitais (*big data*, manufatura avançada, impressão 3D, novos materiais, robótica), é permanente e estimulada por organizações da sociedade civil do setor (INSTITUTO DO AÇO, 2018c; CGEE, 2010) e agência de desenvolvimento pública com linhas específicas de investimento (CARVALHO, MESQUITA, ARAÚJO, 2015).

Estes dados, embora pontuais, indicam que o setor siderúrgico brasileiro tem apresentado permanente crescimento de produção com balança comercial favorável, mesmo nos períodos com baixa demanda internacional de aço, de subutilização da capacidade produtiva instalada e com diminuição da força de trabalho empregada. Em outras palavras: as empresas estão, a cada ano, produzindo e vendendo aço, sem aparente prejuízo econômico do setor, com permanente incorporação de novas maquinarias e tecnologias organizacionais, que exigem mais trabalho das operárias e operários do setor. A situação da intensificação do trabalho do setor siderúrgico brasileiro é anunciada como aspecto da determinação dos novos velhos problemas de saúde operária.

A intensificação do trabalho é entendida por Pina e Stotz (2014) como uma dimensão da exploração do trabalhador. Os seus mecanismos objetivam, em suma, expropriar o conhecimento técnico e social do trabalhador no processo de trabalho de forma a ser empreendida uma maior quantidade de trabalho por unidade de tempo produtivo.

A intensificação do trabalho é expressão que alerta os problemas da máxima utilização da força de trabalho nos processos produtivos!

No setor siderúrgico, o aprimoramento das tecnologias de fundição nos altos-fornos e a automação (que avança ser) digital de processos de produção e de circulação do aço à luz da indústria 4.0 são realidades que, em conjunto com métodos gerenciais de controle operário, em detrimento às suas formas particulares do trabalho, tendem a diminuir o tempo de trabalho necessário à produção do aço sem alterar a magnitude da jornada de trabalho, logo exigir ao máximo a força de trabalho operária, reduzindo assim a capacidade coletiva operária de questionar e de enfrentar os seus problemas de saúde.

São pontuais os estudos recentes que tratam sobre a saúde das operárias e operários do setor siderúrgico no Brasil. Destes, Carvalho e Chamon (2012) discutem a representação social do risco para trabalhadores de uma indústria siderúrgica do Estado de São Paulo. Neste estudo, as pesquisadoras identificaram que a principal característica do risco para os trabalhadores são as suas próprias atitudes. O estudo conclui que o grupo de trabalhadores estudado compreende que o seu comportamento frente a uma situação de risco pode ocasionar acometimentos e sugere treinamentos e atividades de capacitação relacionadas à segurança de forma a permitir que eles melhor determinem os controles necessários a estas situações. Deste estudo, cabe a problematização sobre o porquê as próprias atitudes dos trabalhadores são assumidas como a principal característica do risco, uma vez que eles são controlados e conduzidos nas linhas de produção pela organização do trabalho patronal.

O avanço tecnológico com intensidade do processo de trabalho foi apontada por Gontijo *et al* (2012) como grande fator para a ocorrência de distúrbios osteomusculares em trabalhadores do setor de aciaria (local da usina onde se transforma o ferro gusa em aço) ao estudarem o absenteísmo em uma indústria siderúrgica do Estado de Minas Gerais. Os autores identificaram que as lesões podem estar relacionadas ao manuseio e transporte de carga, à utilização de peso/força envolvendo esforço físico e aos movimentos repetitivos dos trabalhadores. Os acometimentos identificados foram, em sua maioria, nos membros inferiores (joelho e pé) e na coluna dos trabalhadores acima dos 30 anos.

O estudo recomendou ações de prevenção e promoção à saúde nos ambientes de trabalho. Apesar dos autores mencionarem aspectos do processo de trabalho, as suas categorias e características, mesmo aparentes, não foram assumidas enquanto marco referencial, ou mesmo contexto empírico, para se problematizar o absenteísmo na Saúde do Trabalhador. O absenteísmo também foi objeto de estudo epidemiológico de Marote e Queluz (2016) em uma indústria siderúrgica do Estado de São Paulo. Este estudo identificou as doenças do sistema musculoesquelético e tecido conjuntivo, as doenças respiratórias, as lesões, intoxicações e outras causas externas e doenças do trato digestivo como as causas que afastaram os trabalhadores, em sua maioria, operadores de máquinas e auxiliares de produção, de suas atividades. Ambos os estudos colaboram para a identificação de problemáticas de saúde, mas não oferecem argumentos para a compreensão da determinação do processo saúde e doença dos trabalhadores nas usinas siderúrgicas estudadas, tampouco métodos de investigação em saúde com os trabalhadores. As investigações sobre a saúde operária devem avançar da compreensão sobre as aparências dos seus fenômenos para a essência da sua determinação.

As investigações sobre a saúde operária devem avançar da compreensão sobre as aparências dos seus fenômenos para a essência da sua determinação.

As estratégias de preservação de saúde dos trabalhadores submetidos a condições adoeedoras na conjuntura do trabalho precarizado foi o objeto do estudo de Batista, Lima e Antipoff (2016), em uma empresa do setor siderúrgico de Minas Gerais. O estudo apontou que os trabalhadores referiam seus problemas de saúde às mudanças das condições e organização do trabalho introduzidas após a privatização (turno de 12 horas, aumento de postos sob a responsabilidade de apenas um trabalhador, aumento das exigências de produtividade, diminuição significativa do efetivo de trabalhadores, incremento da terceirização, maior número de horas extras, maior pressão e mais humilhações impostas pelos gerentes). A experiência e a competência dos trabalhadores contribuíram para a manutenção da saúde e para a negociação gerencial. A leitura deste estudo sugere a reflexão sobre a finalidade das estratégias dos trabalhadores. Estas, embora tenham sido identificadas por meio de grupo de trabalhadores, podem expressar nos processos de exploração do trabalho práticas individuais, ou compartilhadas pontualmente entre os trabalhadores, que pouco avançam, efetivamente, nos enfrentamentos necessários para que a saúde não seja objeto de troca monetária entre patrões e trabalhadores individuais tampouco delegada, mas defendida pelo coletivo operário na conjuntura da luta de classes. ■ ■ ■

- Referências bibliográficas**
- BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Panoramas setoriais 2030: desafios e oportunidades para o Brasil. Rio de Janeiro: BNDES, 2017. 225 p. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14214/2/PanoramasSetoriais-2030.pdf>>. Acesso: 27 nov 2018.
- BRASIL. Relação anual de informações sociais. Número de Empregos Formais por Setor e Subsetor de Atividade: Econômica Segundo Sexo do Trabalhador. 2017. Disponível em: <<http://pdet.nte.gov.br/index.php/raisa/>>. Acesso: 27 nov 2018.
- BATISTA, Matilde Agêro; LIMA, Maria Elizabeth Antunes; ANTIPOFF, Renata Bastos Ferreira. A preservação da saúde em situações patogênicas de trabalho: um estudo de caso na siderurgia. Cad. psicol. soc. trab., v. 19, n. 1, p. 45-59, 2016.
- CARVALHO, Pedro Sérgio Landim de; MESQUITA, Pedro Paulo Dias; ARAÚJO, Elizio Damião G. de. Sustentabilidade da siderurgia brasileira: eficiência energética, emissões e competitividade. BNDES Setorial 41, p. 181-236. 2015. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/4287/2/BS%2041%20Sustentabilidade%20da%20siderurgia%20brasileira.pdf>>. Acesso: 27 nov 2018.
- CARVALHO, Karla Maria Paiva de; CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. Representação social do risco: um estudo na indústria siderúrgica. Psicologia e Saber Social, v. 1, n. 1, p. 140-148, 2012.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. Siderurgia no Brasil 2010-2025: subsídios para tomada de decisão - Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/Siderurgia-no-Brasil_9567.pdf/893da7ec-8608-4251-ade1-10c2b95b009?version=1.0>. Acesso: 27 nov 2018.
- GONTIJO, Raquel Silva; ANTUNES, Deolane Eustáquia Vasconcelos; OLIVEIRA, Valéria Conceição de; SILVEIRA, Cristina da Penha; GUIMARÃES, Elieite Albano de Azevedo. Análise dos distúrbios osteomusculares relacionados à ergonomia em aciaria de uma empresa siderúrgica. Rev. Enferm. Cent.-Oeste Min, v. 2, n. 2, p.203-210, 2012.
- INSTITUTO DO AÇO BRASIL. Aço e economia. 2015. Folder. Disponível em: <http://www.acobrasil.org.br/site/portugues/biblioteca/Folder_Economia_AcoBrasil_2016.pdf>. Acesso: 27 nov 2018.
- INSTITUTO DO AÇO. Aço Informa. 41a. Setembro. 2018a. Disponível em: <http://www.acobrasil.org.br/siderurgiaemfoco/Aco_Brasil_Informa_Set_18_Especial_Congresso_web.pdf>. Acesso: 27 nov 2018.
- INSTITUTO DO AÇO. Dados do setor 2017. 2018b. Disponível em: <<http://www.acobrasil.org.br/site2015/dados.asp>>. Acesso: 27 nov 2018.
- INSTITUTO DO AÇO. Tecnologia será determinante para a transformação do mercado consumidor de aço nos próximos 10 anos. 2018c. Disponível em: <<http://www.acobrasil.org.br/congressoacobrasil2018/imprensa/releases/tecnologia-sera-determinante-para-a-transformacao-do-mercado-consumidor-de-aço-nos-proximos-10-anos>>. Acesso: 27 nov 2018.
- MAROTE, Isa Azevedo de Almeida; QUELUZ, Dagmar de Paula. Absenteism study in a steel industry of São José dos Campos, SP, Brazil. Braz J Oral Sci., v.15, n.2, p-124-130, 2016.
- PINA, José Augusto; STOTZ, Eduardo Navarro. Intensificação do trabalho e saúde do trabalhador: uma abordagem teórica. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, vol. 39, n. 130, pp. 150-160, 2014.
- WORLD STEEL ASSOCIATION. Steel Statistical Yearbook. 2018. Disponível em: <https://www.worldsteel.org/en/dam/jcr:e5a8eda5-4b46-4892-856b-00908b5ab492/SSY_2018.pdf>. Acesso: 27 nov 2018.

Trabalhadores Anônimos

Dando Visibilidade às
Identidades Sociais

QUINHA E SUA ENGENHOSA CHURRASQUEIRA

Marco Aurélio, Quinha – como gosta de ser chamado – é churrasqueiro no Bar do Botafogo, a alguns passos do portão oeste do Engenho. Cara simpático, sorriso largo, parece esbanjar alegria... Carioca, 54 anos, nascido em Botafogo, torce pelo Fluminense e Mangueira e mora no Engenho de Dentro na rua em que hoje trabalha. Mas não foi sempre assim... Aos 17 anos perdeu o pai, interrompeu os estudos ao término do ensino fundamental para trabalhar na rede Polar Tintas até 2007. Desempregado, casado e com dois filhos, iniciou um 'churrasquinho de esquina' – modo de sobrevivência típico dos subúrbios cariocas – na frente da casa da sogra. Com o Engenho inaugurando naquele ano e, em 2010, Panamericano à porta, aproveitou a oportunidade para transformar uma pizzaria local no combo 'espeto e cerveja', evolução natural dos 'churrasquinhos'. Conheci o "anônimo" Bar do Quinha pelos idos de 2010-2012. Marquinhos, que aplacava minha fome com saborosos espetinhos, assim se chamava! Soube há poucas semanas, ao perguntar em depósito de bebidas quadras adiante, já com a intenção de entrevistá-lo. Passamos ao largo de trabalhadores nossos do dia a dia... A churrasqueira fascinou-me no primeiro momento e nunca a esqueci! Quinha atiçava a brasa com um ventilador. Disse-me agora que, como o ventilador quebrou após muito uso, substituiu-o por secador de cabelo. Incorporação tecnológica! A ideia de ambos partiu da constatação de que abanar a brasa era cansativo e pouco eficiente. Adaptar os meios ao trabalho que exerce é direito dos trabalhadores. Nem sempre respeitado... Quinha recebe os espetos congelados de fábrica na Ilha do Governador, um elo na cadeia produtiva dos 'espetinhos'. Nunca sofreu acidentes nem adoeceu neste trabalho mas, há cerca de um ano, precisou ser operado no ombro por lesão decorrente do excesso de peso carregado nos anos de vendedor de tintas. – *Fiquei em licença pelo INSS por 180 dias; tem quem não saiba que autônomo tem esse direito* – insistiu em dizer. Um dos filhos assumiu o posto (sob sua supervisão), como também ocorre nos dias de muito movimento. O bar é 'decorado' com gaiolas de passarinhos variados que cantam em harmonia e não se perturbam com o excesso de ruídos dos dias de jogos importantes. "Estão acostumados..." Sonha em se aposentar, passar o ponto aos filhos, viajar e continuar cuidando de sua grande distração: os passarinhos! Gostaria de dizer aos "trabalhadores anônimos": – *corram atrás que dá... mesmo!* ■ ■ ■

Texto e fotos

Nelma Carius (Sindsprev) e Rosângela Gaze (UFRJ)



A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram 'x' trabalhadoras, morreram 'y' trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão 'comum'. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma 'ciência' hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas 'leigas', boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas 'científicas' que tratam da saúde do trabalhador não são "para o bico" dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos "para o bico" dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas 'científicas'. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas 'científicas' cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe! ■ ■ ■

PERFIL
SINDICAL**É sempre bom lembrar...**

Eugene Debs

Eugene Victor Debs (1855-1926) foi um sindicalista norte-americano, socialista, político e um dos fundadores dos **Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW)** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Industrial_Workers_of_the_World]. Foi cinco vezes candidato a Presidente dos EUA pelo Partido Socialista da América. No início da carreira política, Debs foi do Partido Democrata. Foi fundamental na criação da **American Railway Union**, uma das primeiras federações de trabalhadores industriais do país. Debs liderou uma grande greve de trens Pullman (Pullman Strike) em todo o território americano, com mais de 250.000 trabalhadores em 27 estados. O presidente Grover Cleveland convocou o exército americano para reprimir a greve e Debs foi preso e condenado, cumprindo seis meses de prisão. Na prisão, após ler várias obras socialistas, Debs aderiu ao movimento socialista internacional e, em seguida, foi membro fundador da Social Democracia da América (1897), do Partido Social Democrático da América (1898) e, enfim, do **Partido Socialista da América (1901)**. Por esse partido foi candidato a presidente dos EUA cinco vezes: 1900 (0,6% dos votos), 1904 (3,0%), 1908 (2,8%), 1912 (6,0%) e 1920 (3,4%), nesta última, de uma cela de prisão. Notável por sua oratória, seu discurso contra a participação americana na 1ª Guerra Mundial levou-o de novo à prisão em 1918, condenado a dez anos. Em 1921, o presidente **Warren G. Harding** comutou sua sentença. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1924. Nesta breve lembrança, destacamos algumas frases que marcam seu pensamento político. Vamos a elas.

A questão é socialismo versus capitalismo. Eu sou pelo socialismo porque sou pela humanidade. Nós fomos amaldiçoados com o reinado do ouro por tempo suficiente. O dinheiro não constitui base adequada da civilização. Chegou a hora de regenerar a sociedade - estamos às vésperas da mudança universal.



A classe que tem o poder de roubar em larga escala também tem o poder de controlar o governo e legalizar seu roubo.



Eu não sou um líder trabalhista. Eu não quero que você me siga ou a qualquer outra pessoa. Se você está procurando por um Moisés para guiá-lo para fora deste deserto capitalista, você ficará exatamente onde está. Eu não o levaria para a terra prometida se pudesse, porque, se eu o levasse, alguém o traria de volta. Você deve usar suas cabeças e suas mãos e sair da sua condição atual, como é agora, os capitalistas usam suas cabeças e suas mãos.

Onde quer que o capitalismo apareça, em busca de sua missão de exploração, será também encontrado o socialismo, fertilizado pela miséria, regado pelas lágrimas e vitalizado pela agitação, desfraldando sua bandeira de luta de classes e proclamando sua missão de emancipação.



<http://media.britannica.com/1/2/4655/246551001.jpg?w=300&h=300&v=14618>

Dez mil vezes o movimento trabalhista tropeçou e caiu e se machucou e ressuscitou, foi agarrado pela garganta e sufocado e golpeado insensivelmente, condenado por tribunais, agredido por bandidos, acusado pelas milícias, abatido por oficiais, distorcido pela imprensa, desaprovado pela opinião pública, enganado por políticos, ameaçado por sacerdotes, repudiado por renegados, atacado por oportunistas, infestado de espíões, abandonado por covardes, traído por traidores, sangrado por sanguessugas e vendido por líderes, mas apesar de tudo isso, e de todos esses, é hoje o poder mais vital e potencial que este planeta já conheceu, e sua missão histórica de emancipar os trabalhadores do mundo, na marcha das gerações, é tão certo de realização final como é o nascer do sol.



<http://www.socialistparty.org/press-releases/2014-07/14-socialist-party-of-america-business-14475279756.pdf>

A palavra mais heroica em todas as línguas é **REVOLUÇÃO**.

Sites de busca

<https://www.britannica.com/biography/Eugene-V-Debs>

https://en.wikiquote.org/wiki/Eugene_V._Debs

https://en.wikipedia.org/wiki/Eugene_V._Debs

INFORMES

Marielle
PRESENTE



Os assassinos ainda estão ausentes,
mas Marielle está presente

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 25/01/2019 - 6ª feira

09:00 às 13:00h

Oficina Temática:

Saúde do Trabalhador na era da Indústria 4.0

Roda de Conversa com

Renato Bonfatti

[Cesteh/Ensp/Fiocruz]

&

Mário Vidal

[Coppe/UFRJ]

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Rua Leopoldo Bulhões 1480 – Manguinhos

4º andar – sala 410 – Rio de Janeiro – RJ

Em frente à Estação Manguinhos da

SUPERVIA (Ramal Gramacho)



ATENÇÃO

Na Reunião do Fórum será
apresentada a proposta do
VI Curso de Formação Intersindical
25/01/19 – 09:00 h – ENSP

Fórum Intersindical
FormAÇÃO
InformAÇÃO
TransformAÇÃO
AÇÃO

FIQUE ATENTO

PROGRAMAÇÃO 2019

Fórum Intersindical

Dia 22 de Fevereiro / 6ª feira

Oficina Temática

Saúde do Trabalhador é ARTE!

Poesia - Música - Imagem

**Beto Novaes / Paulo Fatal / Eguimar Chaveiro / Ricardo
Gonçalves / Armando Pires / Tanussi Cardoso
e convidados**

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca Rua

Leopoldo Bulhões 1480 – Manguinhos

4º andar – Rio de Janeiro – RJ

Em frente à Estação Manguinhos da

SUPERVIA (Ramal Gramacho)

Reunião do Fórum Intersindical em 14/12/2018 - Oficina Temática:
Saúde do Trabalhador - do campo à questão com Diego Souza (no destaque)



Foto: Marcel Caldas

PARTICIPE do BOLETIM ESPECIAL de

FOTOGRAFIAS sobre

SAÚDE do TRABALHADOR.

Veja as instruções em nosso site

www.multiplicadoresdevisat.com

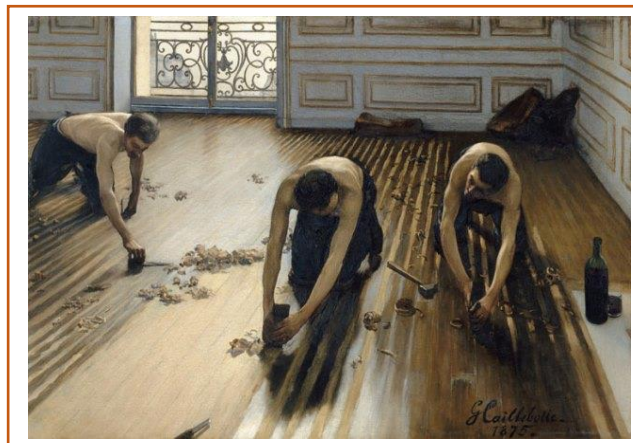
Já pode ir tirando suas fotos!!

ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre
saúde do trabalhador para a nossa seção
artigo do mês entre no blog e veja como proceder:

www.multiplicadoresdevisat.com

Fórum Intersindical: conhecimento e
luta por justiça social



Gustave Caillebotte - The Floor Scrapers - 1875 - óleo sobre tela - Musée d'Orsay, Paris
<http://www.arteeblog.com/2017/04/pinturas-sobre-trabalho-ou-trabalhadores.html>

Coordenação:

Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)

Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito
para a Ação em Saúde do Trabalhador

Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361

Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

forumintersindical@gmail.com

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo